

sol da meia-noite



STEPHENIE MEYER
AUTORA DA SAGA *CREPÚSCULO*



sol da meia-noite

STEPHENIE MEYER

TRADUÇÃO DE CAROLINA RODRIGUES,
FLORA PINHEIRO, GIU ALONSO,
MARIA CARMELITA DIAS,
MARINA VARGAS E VIVIANE DINIZ



Copyright © 2020 by Stephenie Meyer
Publicado mediante acordo com Writers House LLC, Nova York, NY, EUA

TÍTULO ORIGINAL
Midnight Sun

PREPARAÇÃO
Ana Guadalupe
Carolina Vaz
Marluce Faria
Nina Lopes

REVISÃO
André Marinho
Marcela Ramos

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

IMAGEM DE MIOLO
Escultura de Antonio Canova, *Cupid and Psyche*
Crédito: The State Hermitage Museum, St. Petersburg
Copyright: Foto © The State Hermitage Museum / foto de Vladimir Terebenin

IMAGEM DE CAPA
© 2020 Roger Hagadone

ARTE DE CAPA
Dave Caplan e Gail Doobinin
© 2020 Hachette Book Group, Inc.

ADAPTAÇÃO
Antonio Rhoden

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M561s

Meyer, Stephenie, 1973-
Sol da meia-noite / Stephenie Meyer ; tradução Carolina Rodrigues [et al.].
1. ed. - Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.
736 p. ; 23 cm.

Tradução de: Midnight sun
ISBN 978-65-5560-029-2

1. Romance americano. I. Rodrigues, Carolina. II. Título.

20-64530

CDD: 813
CDU: 82-31(73)

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

[2020]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Dedico este livro a todos os leitores que nos últimos quinze anos se tornaram parte tão importante da minha vida. Quando nos conhecemos, muitos de vocês eram adolescentes com olhares encantadores e radiantes, cheios de sonhos para o futuro. Espero que nesses anos que se passaram vocês tenham concretizado seus sonhos e que torná-los realidade tenha sido ainda melhor do que vocês imaginavam.

← →

SUMÁRIO



1. À PRIMEIRA VISTA	9
2. LIVRO ABERTO	32
3. RISCO	61
4. VISÕES	85
5. CONVITES	100
6. TIPO SANGUÍNEO	132
7. MELODIA	161
8. FANTASMA	179
9. PORT ANGELES	189
10. TEORIA	219
11. INTERROGAÇÕES	244
12. COMPLICAÇÕES	274
13. OUTRA COMPLICAÇÃO	295
14. MAIS PERTO	324
15. POSSIBILIDADE	340
16. O NÓ	365
17. CONFISSÕES	379
18. A MENTE DOMINA A MATÉRIA	423
19. LAR	462
20. CARLISLE	497
21. O JOGO	513
22. A CAÇADA	554
23. DESPEDIDAS	579
24. EMBOSCADA	602
25. CORRIDA	617
26. SANGUE	633
27. TAREFAS	645
28. TRÊS CONVERSAS	655
29. INEVITABILIDADE	678
EPÍLOGO: UM ACONTECIMENTO ESPECIAL	701

1. À PRIMEIRA VISTA

ESSE ERA O MOMENTO DO DIA EM QUE EU MAIS QUERIA SER CAPAZ de dormir.

Ensino médio.

Talvez *purgatório* fosse uma palavra mais apropriada. Se havia alguma maneira de reparar meus pecados, sem dúvida *essa* experiência devia ajudar. Era difícil se acostumar ao tédio; cada dia parecia mais insuportavelmente monótono do que o anterior.

Talvez até desse para considerar aquilo minha própria versão de dormir; afinal, o que é o sono senão um estado inerte entre períodos ativos?

Olhei para as rachaduras que atravessavam o gesso no canto mais distante do refeitório, imaginando padrões que não existiam. Foi a forma que encontrei de abafar o fluxo de vozes tagarelando dentro da minha cabeça feito a correnteza de um rio.

Centenas delas eu ignorava por puro tédio.

Quando se tratava da mente humana, eu já ouvira de tudo e mais um pouco. Naquele dia, todos os pensamentos eram consumidos pelo drama trivial de uma nova adição ao nosso diminuto corpo estudantil. Era preciso muito pouco para criar um alvoroço. Vi o novo rosto de vários ângulos, repetido em pensamento atrás de pensamento. Era só uma humana comum. A empolgação com sua chegada era previsível a ponto de ser exaustiva — a mesma reação que alguém obteria se mostrasse um objeto brilhante para algumas crianças. Metade da manada de machos já se imaginava apaixonada, só porque ela era novidade. Tentei ao máximo ignorá-los.

Apenas quatro vezes eu bloqueava por educação e não por desgosto: as da minha família, meus dois irmãos e duas irmãs, que estavam tão acostumados com a falta de privacidade ao meu lado que raramente se preocupavam com isso. Eu fazia de tudo para evitar ouvir seus pensamentos sempre que possível.

Porém, por mais que tentasse... eu sabia.

Rosalie estava focada, como sempre, em si mesma. Tinha visto seu reflexo nos óculos de alguém e pensava sobre a própria perfeição. Sua mente era como uma piscina tranquila com poucas surpresas. Ninguém tinha o cabelo tão louro, o corpo tão perfeito, o rosto oval tão simétrico e sem defeitos. Ela não se comparava aos humanos ao redor; isso seria ridículo, absurdo. Era de nós que minha irmã desdenhava, ninguém chegava à sua altura.

O rosto normalmente despreocupado de Emmett estava franzido de frustração. Mesmo agora, ele passava a mão enorme pelos cachos cor de ébano, puxando o cabelo com o punho cerrado. Continuava furioso por ter perdido a luta contra Jasper na noite passada. Ele precisaria de toda a sua paciência limitada para aguentar até o fim das aulas e então ter sua revanche. Ouvir os pensamentos de Emmett nunca me pareceu uma intromissão, porque ele nunca pensava algo que não diria em voz alta ou executaria. Talvez eu só me sentisse culpado por ler a mente dos outros porque sabia que havia coisas que eles não gostariam que eu soubesse. Se a mente de Rosalie era uma piscina tranquila, a de Emmett era um lago cristalino como vidro transparente.

E Jasper estava... sofrendo. Contive um suspiro.

Edward. Alice disse meu nome em sua mente, chamando minha atenção imediatamente.

Daria no mesmo se ela tivesse me chamado em voz alta. Eu adorava que meu nome tivesse saído de moda nas últimas décadas; no passado, sempre que alguém pensava em qualquer Edward, eu virava a cabeça automaticamente, o que era bem irritante.

Não me virei dessa vez. Alice e eu éramos bons em manter conversas privadas. Era raro alguém perceber. Mantive os olhos fixos nas rachaduras do teto.

Como ele está?, ela me perguntou.

Fiz uma careta sutil, apenas um leve movimento no canto da boca. Nada que os outros fossem notar. Eu podia muito bem estar reagindo ao tédio.

Jasper estava imóvel havia tempo demais. Não executava os tiques humanos que todos nós deveríamos simular, sempre em movimento para não chamar atenção, como Emmett ajeitando o cabelo, Rosalie cruzando as pernas primeiro para um lado e depois para outro, Alice batendo os pés no piso de linóleo, ou eu, virando a cabeça para observar os diferentes padrões na parede. Jasper estava estático, seu corpo esbelto completamente reto, até mesmo o cabelo cor de mel parecendo não reagir ao ar que saía pelos dutos de ventilação.

O tom mental de Alice soava alarmado, e eu vi em sua mente que ela estava observando Jasper pelo canto do olho. *Algum perigo?* Ela vasculhou o futuro imediato, ignorando as visões de monotonia que justificavam minha careta. Mesmo enquanto fazia isso, Alice lembrou-se de apoiar o queixo pontudo numa das mãos e piscar de vez em quando. Ela afastou dos olhos uma mecha do cabelo preto, curto e desfiado.

Virei bem devagar o rosto para a esquerda, como se estivesse olhando para os tijolos da parede, suspirei e depois virei para a direita, de volta às rachaduras no teto. Meus outros irmãos presumiriam que eu estava me fingindo de humano. Só Alice saberia que eu estava balançando a cabeça.

Ela relaxou. *Por favor, me avise se piorar muito.*

Movendo apenas os olhos, encarei o teto e então o chão.

Obrigada, Edward.

Fiquei feliz por não poder responder em voz alta. O que eu diria? *O prazer é meu?* Isso estava longe de ser verdade. Eu não gostava de me concentrar nas dificuldades de Jasper. Era mesmo necessário fazer essa experiência? Não seria mais seguro admitir que talvez ele nunca controlasse sua sede com a mesma facilidade que o resto de nós, em vez de forçar seus limites? Por que flertar com o desastre?

Fazia duas semanas desde nossa última caçada. Não era um intervalo tão difícil para o restante de nós. Um pouco desconfortável de vez em quando, caso um humano se aproximasse demais ou o vento soprasse na direção errada. Mas os humanos raramente chegavam perto. O instinto lhes dizia o que sua mente consciente nunca entenderia: nós éramos perigosos e deveríamos ser evitados.

Jasper representava um grande perigo nesse momento.

Isso não acontecia com frequência, mas vez ou outra eu ficava impressionado com a cegueira dos humanos ao nosso redor. Estávamos todos acostu-

mados, sempre esperávamos que fosse assim, mas às vezes me parecia mais evidente do que o normal. Nenhum deles reparava em nosso grupo sentado à mesa surrada do refeitório, embora tigres de tocaia fossem menos letais do que nós. Tudo o que viam eram cinco pessoas de aparência estranha, parecidas com humanos o bastante para se passarem por eles. Era difícil imaginar que alguém pudesse sobreviver com sentidos tão pouco aguçados.

Nesse momento, uma garota franzina parou na cabeceira da mesa mais próxima da nossa para conversar com um amigo. Ela mexeu no cabelo curto e claro, passando os dedos por entre as mechas. O aquecedor central soprou seu cheiro em nossa direção. Eu estava acostumado com a sensação que aquilo provocava: a garganta seca, o desejo oco no estômago, a contração automática dos músculos, o veneno fluindo na boca.

Tudo isso era normal e, em geral, fácil de ignorar. Era mais difícil naquele momento, com as reações mais fortes, duplicadas, enquanto eu monitorava Jasper.

Ele estava se deixando levar pela imaginação. Estava visualizando... Visualizando a si mesmo se levantando da cadeira ao lado de Alice e indo até a garota. Vendo a si mesmo inclinando a cabeça para mais perto, como se fosse sussurrar no ouvido dela, os lábios tocando o pescoço. Imaginando o fluxo quente do sangue sob a barreira frágil da pele na boca dele...

Chutei sua cadeira.

Ele se virou para mim, os olhos negros ressentidos por um segundo, então encarou o chão. Ouvi o conflito entre vergonha e rebelião em sua mente.

— Desculpe — murmurou Jasper.

Dei de ombros.

— Você não ia fazer nada — afirmou Alice para ele em voz baixa, tentando animá-lo. — Eu vi.

Contive a careta que a desmentiria. Nós tínhamos que nos apoiar, Alice e eu. Não era fácil ser uma aberração em meio a outras aberrações. Nós protegíamos os segredos um do outro.

— Ajuda um pouco se você pensar neles como pessoas — sugeriu Alice, sua voz alta e musical acelerada demais para que os ouvidos humanos compreendessem, caso alguém estivesse perto o suficiente para ouvi-la. — O nome dela é Whitney. Ela tem uma irmãzinha que adora. A mãe dela convidou Esmé para aquela festa no jardim, lembra?

— Eu sei quem ela é — respondeu Jasper secamente.

Ele se virou para olhar por uma das pequenas janelas abaixo dos beirais ao redor da sala comprida. Seu tom encerrou a conversa.

Ele teria que caçar à noite. Era ridículo correr riscos como aquele, tentando testar sua força de vontade, aumentar sua resistência. Jasper deveria aceitar logo suas limitações e aprender a lidar com elas.

Alice suspirou baixinho e se levantou, levando sua bandeja — seu adereço, por assim dizer — e deixando-o sozinho. Ela sabia que ele não queria seu apoio. Embora Rosalie e Emmett fossem mais dados a demonstrações públicas de afeto, eram Alice e Jasper que conheciam bem as necessidades um do outro. Era como se também pudessem ler mentes, mas apenas entre si.

Edward.

Por reflexo, virei-me ao ouvir meu nome, embora não estivessem me chamando em voz alta, apenas em pensamento.

Por meio segundo, meus olhos encararam um par de olhos humanos grandes e castanhos em um rosto pálido em forma de coração. Eu conhecia aquele rosto, apesar de nunca tê-lo visto. Estava em todas as mentes humanas hoje. A aluna nova, Isabella Swan. Era filha do chefe de polícia da cidade e veio para cá por conta de alguma mudança na sua guarda. Bella. Ela corrigiu todos que a chamaram de Isabella.

Desviei o olhar, entediado. Levei um segundo para perceber que não tinha sido ela quem havia pensado em meu nome.

Claro que ela já está caidinha pelos Cullen, continuava o primeiro pensamento.

Ah, agora reconheci aquela “voz”.

Jessica Stanley. Já fazia tempo que ela não me incomodava com seu monólogo interior. Foi um grande alívio quando ela superou sua fixação por mim. Era quase impossível escapar de seus devaneios constantes e ridículos. Eu desejava, na época, poder explicar *exatamente* o que aconteceria se meus lábios e meus dentes chegassem perto dela. Isso teria silenciado aquelas fantasias irritantes. Imaginar sua reação quase me fez sorrir.

Boa sorte, continuou Jessica. *Bella nem é tão bonita assim. Não sei por que Eric está olhando tanto para ela... e Mike também.*

Ela se encolheu mentalmente ao pensar no segundo garoto. Sua nova obsessão, Mike Newton, um menino popular genérico que nem reparava nela. Ao que parecia, ele não era tão indiferente à nova garota. Outra criança de-

sejando o objeto brilhante. Isso dava um tom maldoso aos pensamentos de Jessica, embora ela agisse de maneira cordial com a recém-chegada enquanto explicava o que era de conhecimento geral sobre minha família. A nova aluna devia ter perguntado sobre nós.

Todo mundo está me olhando hoje também, pensou Jessica em tom presunçoso. *Ainda bem que Bella tem duas aulas comigo. Aposto que Mike vai querer me perguntar o que ela...*

Tentei bloquear seu monólogo fútil antes que aquela mesquinharia trivial me deixasse de mau humor.

— Jessica Stanley está contando todos os podres do clã Cullen para Swan, a garota nova — murmurei para Emmett na tentativa de me distrair.

Ele riu baixinho. *Espero que esteja contando direito*, pensou.

— Falta imaginação, na verdade. Quase não tem escândalo. Nenhuma história de terror. Estou um pouco decepcionado.

E a garota nova? Ela também está decepcionada com as fofocas?

Resolvi ouvir o que a garota nova, Bella, estava achando da história de Jessica. O que ela via quando olhava para a família estranha e pálida que era evitada por todos?

Era minha responsabilidade saber a reação dela. Eu servia de vigia, por falta de uma palavra melhor, para minha família. Para nossa proteção. Se alguém suspeitasse de algo, eu poderia avisar logo, e teríamos chance de agir rapidamente. De vez em quando acontecia... Algum humano com imaginação fértil nos via como os personagens de um livro ou filme. Em geral entendiam tudo errado, mas era melhor procurar um lugar novo do que correr o risco de chamar atenção demais. Era raro, muito raro, alguém adivinhar a verdade. Não lhes dávamos a chance de testar suas hipóteses. Simplesmente desaparecíamos, nos tornando uma lembrança assustadora.

Isso não acontecia havia décadas.

Não ouvi nada, apesar de escutar com toda a atenção o monólogo interno frívolo de Jessica. Era como se a cadeira ao seu lado estivesse vazia. Que peculiar. A garota tinha ido embora? Parecia improvável, porque Jessica continuava tagarelando sem parar. Olhei para cima, nervoso. Nunca havia precisado confirmar minha “audição” extra.

Mais uma vez, meu olhar encontrou aqueles grandes olhos castanhos. Bella estava sentada no mesmo lugar de antes e olhando para a gente. Uma

coisa natural a se fazer, supus, já que Jessica ainda destilava todas as fofocas locais sobre os Cullen.

Estar pensando em nós também seria natural.

Mas eu não ouvi sequer um sussurro.

Um tom avermelhado quente e convidativo invadiu suas bochechas quando ela desviou o olhar, envergonhada por ter sido flagrada olhando para um estranho. Ainda bem que Jasper continuava encarando a janela. Eu não queria nem imaginar como aquele acúmulo de sangue afetaria seu autocontrole.

As emoções estavam tão claras no rosto daquela garota quanto se tivessem sido expressas em palavras: surpresa, enquanto absorvia inconscientemente as diferenças sutis entre sua espécie e a minha; curiosidade, ao ouvir as histórias de Jessica; e algo mais... fascinação? Não seria a primeira vez. Éramos lindos para eles, nossas presas. Então, por fim, o constrangimento.

E, no entanto, embora seus pensamentos estivessem claros em seus olhos estranhos — eu nunca vira olhos tão profundos —, eu só ouvia silêncio vindo dela. Apenas... silêncio.

Fiquei desconfortável por um momento.

Nunca tinha encontrado algo assim. Havia algo de errado comigo? Eu me sentia o mesmo de sempre. Preocupado, agucei os ouvidos.

Todas as vozes que eu vinha bloqueando de repente gritavam na minha cabeça.

... de que música será que ela gosta? Talvez eu possa falar sobre o meu CD novo..., Mike Newton estava pensando, a duas mesas de distância, em Bella Swan.

Olha só ele olhando para ela. Não basta ter metade das garotas da escola atrás dele... Os pensamentos de Eric Yorkie eram cáusticos e também giravam em torno da garota nova.

... é tão nojento. Quem vê até acha que ela é famosa ou algo assim... Até Edward Cullen está olhando... Lauren Mallory estava com tanta inveja que era uma surpresa que seu rosto não estivesse vermelho. *Olha só a Jessica, toda exibida com a nova melhor amiga. Que piada...* Os pensamentos venenosos da garota continuaram.

... Aposto que todo mundo já perguntou isso para ela. Mas eu queria falar com ela. Que pergunta seria mais original?, pensava Ashley Dowling.

... talvez ela esteja na minha aula de espanhol..., torcia June Richardson.

... tanta coisa para fazer hoje à noite! Trigonometria e o teste de inglês. Espero que minha mãe... Angela Weber, uma garota quieta cujos pensamentos eram incoavelmente gentis, era a única na mesa que não estava obcecada pela tal Bella.

Eu ouvia todos eles, cada pensamento insignificante que lhes passava pela cabeça. Mas a aluna nova com os olhos estranhamente comunicativos continuava em silêncio.

E, claro, eu ouvia o que Bella dizia ao falar com Jessica. Eu não precisava ler mentes para ouvir sua voz baixa e clara do outro lado do amplo refeitório.

— Quem é o garoto de cabelo ruivo? — Eu a ouvi perguntar, lançando outro olhar de soslaio para mim, e então desviando os olhos rapidamente quando viu que eu ainda a observava.

Ainda bem que não tive tempo de criar esperanças de que ouvir sua voz fosse me ajudar a identificar o tom de seus pensamentos, ou teria ficado instantaneamente decepcionado. Em geral, os pensamentos das pessoas lhes ocorriam em um tom semelhante ao da voz. Mas aquela voz baixa e tímida não era familiar, não correspondia à de nenhum dos pensamentos que circulavam pelo refeitório, disso eu tinha certeza. Era totalmente nova.

Ab, boa sorte, otária!, pensou Jessica antes de responder à pergunta.

— É o Edward. Ele é lindo, é claro, mas não perca seu tempo. Ele não namora. Ao que parece, nenhuma das meninas daqui é bonita o bastante para ele.

Jessica fungou baixinho.

Virei o rosto para esconder meu sorriso. Jessica e suas colegas de turma não faziam ideia da sorte que tinham por nenhuma delas ter chamado a minha atenção.

Por baixo dessa diversão momentânea, senti um impulso estranho, que não entendi por completo. Tinha algo a ver com o tom maldoso dos pensamentos de Jessica, que a nova garota desconhecia... Senti uma vontade estranha de me colocar entre as duas, de proteger Bella Swan dos recantos mais sombrios da mente de Jessica. Que coisa estranha de se sentir. Tentando desvendar as motivações por trás do impulso, examinei a garota nova mais uma vez, agora através dos olhos de Jessica. Eu já tinha chamado atenção demais.

Talvez fosse apenas algum instinto protetor enterrado havia muito tempo; uma vontade súbita de proteger os mais fracos. De alguma maneira, aquela

garota parecia mais frágil do que os outros humanos. Sua pele era tão pálida que era difícil acreditar que lhe oferecesse grande proteção do mundo exterior. Eu via o pulso ritmado do seu sangue pelas veias sob a pele clara... Mas não deveria me concentrar nessa parte. Eu era bom em seguir a vida que havia escolhido, mas estava com tanta sede quanto Jasper e não via sentido em alimentar tentações.

Havia um leve franzido entre suas sobrancelhas que ela parecia não perceber.

Como aquilo era frustrante! Notei com toda a clareza que era difícil para a garota ficar ali sentada, conversando com estranhos, sendo o centro das atenções. Eu sentia sua timidez pela posição dos ombros frágeis, curvados de leve, como se estivesse esperando uma rejeição a qualquer momento. E, no entanto, eu só podia ver, só podia sentir, só podia imaginar. Não havia nada além de silêncio vindo daquela garota humana comum. Eu não conseguia ouvir nada. Por quê?

— Vamos? — murmurou Rosalie, interrompendo meus pensamentos.

Fiquei aliviado ao desviar minha atenção da garota. Eu não queria fracassar mais uma vez. O fracasso era algo raro para mim, mas mesmo assim não deixava de ser irritante. Eu não queria desenvolver qualquer interesse pelos pensamentos ocultos dela só por estarem ocultos. Sem dúvida, quando conseguisse desvendá-los — e eu *com certeza* ia descobrir uma forma de fazer isso —, eles iam se mostrar tão mesquinhos e triviais quanto os de qualquer outro humano. Não valeriam o esforço que eu faria para desvendá-los.

— E aí, a novata já tem medo de nós? — perguntou Emmett, ainda esperando minha resposta à sua pergunta anterior.

Dei de ombros. Ele não estava interessado o suficiente para insistir.

Nós nos levantamos da mesa e saímos do refeitório.

Emmett, Rosalie e Jasper fingiam ser do último ano e foram para suas aulas. Eu estava desempenhando o papel de irmão mais novo. Fui para a aula de biologia do primeiro ano, preparando minha mente para o tédio. Duvidava muito de que o Sr. Banner, um homem com um intelecto claramente mediano, conseguisse apresentar qualquer coisa capaz de surpreender alguém com dois diplomas em medicina.

Na sala, me acomodei na cadeira e larguei meus livros na mesa. Também adereços, não continham nada que eu já não soubesse. Eu era o único aluno sentado sozinho. Os humanos não eram inteligentes o suficiente para *saber*

que tinham medo de mim, mas seus instintos de sobrevivência inatos bastavam para mantê-los longe.

A sala se encheu aos poucos conforme os alunos chegavam do almoço. Recostei-me na cadeira e esperei o tempo passar. Mais uma vez, desejei ser capaz de dormir.

Como eu ainda estava pensando na garota nova quando Angela Weber a acompanhou até a sala, seu nome chamou minha atenção.

Bella parece tão tímida quanto eu. Aposto que hoje está sendo muito difícil para ela. Queria poder dizer alguma coisa... mas aposto que ela ia achar idiota.

Oba!, pensou Mike Newton, virando-se para observar as meninas entrarem.

Mais uma vez, de onde Bella Swan estava, não ouvi nada. O vazio vindo de onde seus pensamentos deveriam estar me deixou irritado e incomodado.

E se *tudo* sumisse? E se isso fosse só o primeiro sintoma de algum tipo de declínio mental?

Muitas vezes quis escapar daquela cacofonia. Ser normal, na medida do possível para mim. Mas naquele momento esse pensamento me deixou em pânico. Quem eu seria sem minha habilidade? Nunca tinha ouvido falar de nada assim. Teria que perguntar para Carlisle.

A garota seguiu pelo corredor perto de mim, em direção à mesa do professor. Coitada, o lugar ao meu lado era o único livre. Automaticamente, limpei a bagunça da mesa onde ela se sentaria, empurrando meus livros para o lado. Duvidava de que ela fosse se sentir confortável. Seria um longo semestre para Bella... pelo menos nessa aula. Talvez, sentado ao seu lado, eu conseguisse desvendar o mistério dos pensamentos dela... Não que eu já tivesse precisado estar próximo dos outros para isso. Não que eu fosse encontrar algo que valesse a pena ouvir.

Bella Swan passou pela corrente de ar quente que saía da ventilação.

Seu cheiro me atingiu como um aríete, como uma granada. Não havia imagem violenta o suficiente para descrever a força do que senti naquele momento.

Na mesma hora, me transformei. Eu não tinha mais qualquer semelhança com o humano que já fui. Nenhum vestígio dos fragmentos da humanidade nos quais consegui me esconder ao longo dos anos.

Eu era um predador. Ela era minha presa. Não havia mais nada no mundo inteiro além dessa verdade.

Não havia uma sala cheia de testemunhas. Em minha mente, já eram danos colaterais. O mistério dos pensamentos dela foi esquecido. Seus pensamentos nada significavam, pois ela não continuaria pensando por muito mais tempo.

Eu era um vampiro, e o sangue dela tinha o cheiro mais doce que já sentira em mais de oitenta anos.

Nunca tinha imaginado que um cheiro como esse existisse. Caso contrário, já teria ido atrás dele havia muito tempo. Teria vasculhado o planeta inteiro atrás dela. Já podia imaginar seu gosto...

A sede queimou minha garganta feito fogo. Minha boca estava dolorida e seca, e o fluxo fresco de veneno em nada ajudou a dispersar essa sensação. Meu estômago se revirou com a fome que era um eco da sede. Meus músculos se contraíram, preparados para a emboscada.

Nem um segundo havia se passado. Ela ainda estava dando o mesmo passo que a pusera no caminho da corrente de ar.

Quando seu pé tocou o chão, seus olhos se voltaram para mim, um movimento que Bella claramente pretendia que fosse furtivo. Seu olhar encontrou o meu, e eu me vi refletido nos seus olhos.

O susto que tomei com o rosto que vi salvou a vida dela por um triz.

Ela não facilitou as coisas. Quando processou minha expressão, o sangue inundou suas bochechas outra vez, deixando sua pele da cor mais deliciosa que eu já tinha visto. Seu cheiro era uma névoa embrenhada em meu cérebro. Eu mal conseguia raciocinar. Meus instintos se enfureceram, lutando pelo controle, incoerentes.

Ela apertou o passo, como se percebesse que precisava escapar. Sua pressa a deixou desajeitada: ela tropeçou e cambaleou para a frente, quase caindo na garota sentada diante de mim. Vulnerável, fraca. Ainda mais que o normal para uma humana.

Tentei me concentrar no rosto que tinha visto refletido nos olhos dela, um rosto que reconheci com repulsa. Era o do monstro que habita dentro de mim, o rosto que eu havia reprimido com décadas de esforço e disciplina ferrenha. Ah, como ele ressurgiu com facilidade!

O cheiro me envolveu outra vez, afastando meus pensamentos e quase me fazendo pular da cadeira.

Não.

Agarrei a borda da mesa enquanto tentava me segurar na cadeira. A madeira não deu conta. Minha mão esmagou o suporte, soltando lascas e pó, deixando a forma dos meus dedos esculpida na mesa.

Destruir as provas. Essa era uma regra fundamental. Com a ponta dos dedos, rapidamente pulverizei os cantos da marca, deixando apenas um buraco irregular e uma pilha de lascas no chão, que espalhei com o pé.

Destruir provas. Dano colateral...

Eu sabia o que tinha que acontecer em seguida. A garota se sentaria ao meu lado e eu precisaria matá-la.

As testemunhas inocentes na sala de aula, dezoito jovens e um adulto, não poderiam sair com vida depois de testemunharem a cena.

Eu me encolhi ao pensar no que precisava fazer. Mesmo nos meus piores momentos, nunca havia cometido esse tipo de atrocidade. Nunca tinha matado inocentes. E, no entanto, naquele momento eu planejava matar vinte de uma vez.

O rosto do monstro no meu reflexo zombava de mim.

Enquanto parte de mim sentia nojo dele, outra parte pensava no passo seguinte.

Se eu matasse a garota primeiro, teria apenas quinze ou vinte segundos com ela antes que os humanos na sala reagissem. Talvez um pouco mais, se não percebessem o que eu estava fazendo logo de cara. Ela nem teria tempo de gritar ou sentir dor; eu não a mataria com crueldade. Isso eu poderia dar a essa estranha com um sangue terrivelmente desejável.

Mas então eu teria que impedi-los de escapar. Não precisaria me preocupar com as janelas, que eram altas e pequenas demais para funcionarem como rota de fuga. Só a porta... Se eu a bloqueasse, eles ficariam presos.

Seria mais demorado e difícil eliminá-los quando estivessem em pânico e correndo, movendo-se em meio ao caos. Não seria impossível, mas haveria muito mais barulho e muito mais tempo para os gritos se espalharem pelos corredores. Alguém ouviria... e eu seria forçado a matar ainda mais inocentes naquela hora sombria.

Mas o sangue dela esfriaria enquanto eu matava os outros.

O cheiro dela me açoitou, fazendo minha garganta se fechar com uma dor seca...

Então as testemunhas teriam que morrer primeiro.

Planejei tudo. Eu estava na fileira do meio, no fundo da sala. Eu cuidaria do lado direito primeiro. Era capaz de quebrar quatro ou cinco pescoços por segundo, calculei. Não faria muito barulho. O lado direito seria o lado sortudo; eles não me veriam atacando. Então eu seguiria até a frente e voltaria pelo lado esquerdo, levando no máximo cinco segundos para matar todas as pessoas na sala.

Tempo suficiente para Bella Swan vislumbrar o que estava por vir. Tempo suficiente para ela sentir medo. Talvez o bastante, se o choque não a imobilizasse, para que gritasse. Um grito suave que não chamaria a atenção de ninguém.

Respirei fundo, e o aroma era um fogo que corria pelas minhas veias ressecadas, queimando meu peito e consumindo cada ação impulsiva que eu era capaz de cometer.

Ela estava se virando agora. Em alguns segundos, Bella se sentaria a centímetros de mim.

O monstro na minha cabeça exultou.

Alguém fechou uma pasta à minha esquerda. Não desviei os olhos para ver qual dos humanos condenados era o responsável, mas com o gesto uma minilufada de ar fresco e sem cheiro atingiu meu rosto.

Por um breve segundo, fui capaz de pensar com clareza. Naquele instante precioso, visualizei dois rostos, lado a lado.

Um era o meu, ou melhor, tinha sido o meu: o monstro de olhos vermelhos que havia matado tantas pessoas que perdi a conta. Assassinos justificados e racionalizados. Eu tinha sido um assassino de assassinos, um matador de monstros menos poderosos. Eu reconhecia que era um complexo de Deus decidir quem merecia uma sentença de morte. Era uma espécie de barganha comigo mesmo. Eu havia me alimentado de sangue humano, mas de pessoas que mal se qualificavam como tal. Minhas vítimas eram, em seus vários pas-tempos sombrios, tão monstruosas quanto eu.

O outro rosto era o de Carlisle.

Não havia semelhança entre os dois rostos. Eram o dia mais claro e a noite mais sombria.

Não havia por que existir qualquer semelhança. Carlisle não era meu pai no sentido biológico. Não compartilhávamos traços genéticos. A semelhança em nosso tom de pele era um produto do que éramos; todo vampiro era pálido como um cadáver. A semelhança na cor dos nossos olhos era outra questão, um reflexo de uma escolha mútua.

E, no entanto, embora não houvesse base para uma semelhança, imaginei que meu rosto começara a refletir o dele, até certo ponto, nos últimos setenta e tantos anos em que abracei sua escolha e segui seus passos. Minhas feições não haviam mudado, mas eu tinha a impressão de que um pouco de sua sabedoria marcara minha expressão, um pouco de sua compaixão podia ser vista em meus lábios contraídos, e indícios de sua paciência eram evidentes na minha testa.

Todas essas pequenas melhorias desapareceram do rosto do monstro. Em alguns momentos, não sobraria nada em mim que refletisse os anos que passei com meu criador, meu mentor, meu pai de todas as maneiras que importavam. Meus olhos brilhariam vermelhos como os de um demônio; toda semelhança se perderia para sempre.

Na minha cabeça, os olhos gentis de Carlisle não me julgavam. Eu sabia que ele me perdoaria por esse ato horrível. Porque ele me amava. Porque ele achava que eu era melhor do que de fato era.

Bella Swan sentou-se na cadeira ao meu lado, os movimentos rígidos e desajeitados — sem dúvida com medo —, e o cheiro de seu sangue me envolveu em uma nuvem inescapável.

Eu provaria que meu pai estava errado sobre mim. A tristeza desse fato doeu quase tanto quanto o fogo na minha garganta.

Eu me inclinei para longe dela com repulsa, enojado pelo monstro sedento por matá-la.

Por que ela teve que vir para cá? Por que teve que *existir*? Por que ela teve que arruinar a pouca paz que eu tinha nessa minha não vida? Por que aquela humana irritante tinha nascido? Ela me arruinaria.

Desviei o rosto, um ódio repentino, feroz e irracional tomando conta de mim.

Eu não queria ser um monstro! Não queria matar aquela sala cheia de jovens inofensivos! Não queria perder tudo o que tinha conquistado após uma vida inteira de sacrifício e negação!

E assim seria.

Ela não me obrigaria a fazer aquilo.

Mas o problema era o cheiro, aquele cheiro terrivelmente atraente do seu sangue. Se houvesse alguma maneira de resistir... Talvez outra lufada de ar fresco pudesse clarear minha mente.

Bella Swan sacudiu o cabelo comprido, de fios grossos e escuros, em minha direção.

Ela era louca?

Não, não havia uma brisa para me ajudar. Mas eu *não* precisava respirar.

Interrompi o fluxo de ar entrando nos meus pulmões. O alívio foi instantâneo, mas incompleto. Eu ainda tinha a lembrança do seu perfume, o gosto dele na parte de trás da língua. Eu não resistiria por muito tempo.

A vida de todos na sala estava em perigo enquanto ela e eu estivéssemos lado a lado. Eu devia fugir. Eu *queria* fugir, me afastar do corpo *quente* ao meu lado, da dor persistente da sede que ardia, mas não tinha cem por cento de certeza de que se eu relaxasse meus músculos para me mover, mesmo que apenas para me levantar, eu não a atacaria e cometeria o massacre já planejado.

Mas talvez eu conseguisse aguentar uma hora. Será que uma hora seria tempo suficiente para recuperar o controle e me mover sem atacar? Eu duvidava muito, então me forcei a me comprometer. Eu *faria* com que fosse suficiente. Tempo suficiente para sair da sala cheia de vítimas, vítimas que talvez não precisassem ser vítimas. Se eu resistisse por apenas uma hora.

Era bem desconfortável ficar sem respirar. Meu corpo não precisava de oxigênio, mas aquilo ia contra todos os meus instintos. Eu confiava no olfato mais do que nos outros sentidos em momentos de estresse. Era o que mostrava o caminho na caçada; era o primeiro aviso em caso de perigo. Poucas vezes encontrei algo tão perigoso quanto eu mesmo, mas a autopreservação era tão forte na minha espécie quanto no ser humano médio.

Era desconfortável, mas suportável. Mais fácil do que sentir seu cheiro e não cravar meus dentes naquela pele fina, frágil e translúcida até chegar à veia quente, úmida e pulsante...

Uma hora! Só uma hora. Eu não devia pensar no perfume, no gosto.

A garota se inclinou para a frente, deixando o cabelo se espalhar pelo caderno. Eu não conseguia ver o rosto dela para tentar ler as emoções em seus olhos tão transparentes e profundos. Ela estava tentando esconder os olhos de mim? Por medo? Timidez? Para guardar seus segredos?

Minha irritação anterior por ser deixado de fora de seus pensamentos silenciosos era fraca e suave em comparação com a necessidade — e o ódio — que me possuía agora. Eu odiava essa garota frágil ao meu lado, odiava-a com todo o fervor com que me apeguei ao meu antigo eu, ao meu amor pela

minha família, aos meus sonhos de ser algo melhor do que eu era. Odiá-la, odiar como ela me fazia sentir, isso ajudou um pouco. Sim, a irritação de antes era fraca, mas também ajudou um pouco. Eu me apeguei a qualquer pensamento que me distraísse de imaginar que *gosto* ela teria...

Ódio e irritação. Impaciência. Aquela hora nunca passaria?

E quando passasse... ela sairia da sala. E eu faria o quê?

Se eu conseguisse controlar o monstro, fazê-lo ver que o atraso valeria a pena... Eu poderia me apresentar. *Olá, meu nome é Edward Cullen. Posso acompanhá-la até sua próxima aula?*

Ela diria que sim. Seria a coisa educada a fazer. Mesmo com medo, como eu tinha certeza de que era o caso, ela seguiria as regras de convivência e caminharia ao meu lado. Não seria difícil levá-la na direção errada. Os fundos do estacionamento davam para parte da floresta. Eu poderia dizer a ela que esqueci um livro no carro...

Será que alguém notaria que fui a última pessoa com quem ela foi vista? Estava chovendo, como sempre. Duas capas de chuva escuras caminhando na direção errada não despertariam muito interesse ou me denunciariam.

No entanto, eu não era o único aluno que reparara nela hoje, embora ninguém houvesse tido tanta consciência dela quanto eu. Mike Newton, em particular, estava prestando atenção a cada movimento de desconforto dela por estar tão próxima de mim, desconforto que qualquer outra pessoa sentiria. Aquela reação não era uma surpresa para mim, mas o cheiro dela destruiu qualquer resquício de preocupação em minha mente. Mike Newton repararia se ela saísse da sala comigo.

Se eu conseguisse aguentar uma hora, será que aguentaria duas?

Eu me encolhi de dor, a garganta em brasas.

Ela iria para uma casa vazia. O chefe de polícia Swan trabalhava oito horas por dia. Eu conhecia a casa dele, afinal conhecia todas as casas daquela cidadezinha. Ficava aninhada a um bosque denso, sem vizinhos próximos. Mesmo que a garota tivesse tempo de gritar, e ela não teria, não haveria ninguém por perto para ouvir.

Seria a maneira mais responsável de lidar com isso. Passei mais de sete décadas sem sangue humano. Se eu prendesse a respiração, aguentaria mais duas horas. E quando estivesse sozinho com ela, ninguém mais se machucaria. *E não vou precisar fazer nada com pressa*, concordou o monstro na minha cabeça.

Era um sofisma pensar que meu esforço e paciência para salvar os dezenove humanos naquela sala tornaria o ato de matar uma garota inocente algo menos monstruoso.

Embora a odiasse, eu estava ciente de que meu ódio era injustificável. Sabia que o que eu odiava na verdade era eu mesmo. E eu me odiaria muito mais quando ela estivesse morta.

Passei a hora assim, imaginando as melhores formas de matá-la. Tentei não pensar no *ato* em si. Isso poderia me levar ao limite. Então planejei apenas a estratégia.

Uma vez, mais para o fim da aula, ela me espiou por trás da cortina fluida formada por seu cabelo. Eu senti aquele ódio injustificável queimando dentro de mim quando encontrei seu olhar; vi o reflexo do meu sentimento nos olhos assustados dela. Sangue coloriu as bochechas de Bella antes que ela pudesse se esconder atrás do cabelo de novo, e eu quase perdi o controle.

Mas o sinal tocou. E nós — que clichê — fomos salvos pelo gongo. Ela, da morte. Eu, por pouco tempo, de ser a criatura horripilante que eu temia e detestava.

Agora eu precisava ir embora dali.

Mesmo concentrando toda a minha atenção nos gestos mais simples, não consegui andar tão devagar quanto deveria; disparei para fora da sala. Se alguém estivesse me observando, poderia suspeitar de que havia algo errado na minha velocidade. Mas ninguém estava prestando atenção em mim. Todos os pensamentos ainda giravam em torno da garota que tinha sido condenada à morte havia pouco mais de uma hora.

Eu me escondi no meu carro.

Não gostava de pensar em mim mesmo como alguém que precisava se esconder. Isso soava muito covarde. Mas eu não tinha disciplina suficiente para ficar perto dos humanos naquele momento. Concentrar meus esforços em não matar *uma* humana me deixou sem forças para resistir aos outros. Isso seria um verdadeiro desperdício: se eu fosse ceder ao monstro, era melhor que a derrota valesse a pena.

Botei para tocar um CD que em geral me acalmava, mas de pouco adiantou. Não, o que mais ajudou foi o ar fresco e úmido que entrava com a chuva fina pelas janelas abertas. Embora eu ainda me lembrasse do perfume do san-

gue de Bella Swan com perfeita clareza, inalar o ar limpo era como expulsar uma infecção do meu corpo.

Eu estava são outra vez. Conseguia pensar de novo. Conseguia resistir de novo. Podia lutar contra o que não queria ser.

Eu não precisava ir até a casa dela. Eu não tinha que matá-la. Obviamente, eu era uma criatura racional e pensante, e tinha uma escolha. Sempre havia uma escolha.

Não era assim que eu tinha me sentido na sala de aula... mas agora eu estava longe dela.

Eu não *precisava* decepcionar meu pai. Não precisava estressar minha mãe, preocupá-la ou fazê-la sofrer. Sim, isso também magoaria minha mãe adotiva. E ela era tão gentil, tão terna e amorosa... Fazer alguém como Esme sofrer era um crime realmente imperdoável.

Talvez, se eu evitasse essa garota com muito, muito cuidado, minha vida não precisasse mudar. Minha vida estava organizada da maneira que eu gostava. Por que deveria deixar uma garota qualquer irritante e deliciosa estragar isso?

Que ironia eu ter sentido vontade de proteger essa humana da ameaça insignificante e inofensiva que eram os pensamentos sarcásticos de Jessica Stanley. Eu era a última pessoa que poderia proteger Isabella Swan. Não havia nada no mundo que oferecesse mais perigo a ela do que eu.

Onde está Alice?, eu me perguntei de repente. Ela não tinha me visto matando a garota Swan de várias formas? Por que não veio ao meu socorro, para me impedir ou me ajudar a me livrar das provas? Ela estava tão distraída observando Jasper que não reparou nessa possibilidade muito mais terrível? Ou eu era mais forte do que pensava? Será que eu realmente não teria feito mal à garota?

Não. Eu sabia que isso não era verdade. Alice devia estar muito concentrada em Jasper.

Procurei na direção em que eu sabia que minha irmã estaria, no pequeno prédio usado para as aulas de literatura inglesa. Não demorei muito para localizar sua “voz” familiar. E eu estava certo. Todos os pensamentos dela estavam focados em Jasper, observando cada uma de suas pequenas escolhas com o máximo de escrutínio.

Tive vontade de pedir um conselho, mas, ao mesmo tempo, fiquei feliz por ela não saber do que eu era capaz. Senti um novo ardor tomar conta do

meu corpo, mas, dessa vez, era apenas o calor da vergonha. Eu não queria que nenhum deles soubesse.

Se eu conseguisse evitar Bella Swan, se fosse capaz de não matar a garota — assim que pensei isso, porém, o monstro se contorceu e rangeu os dentes de frustração —, ninguém precisaria saber. Se eu conseguisse ficar longe do cheiro dela...

Bem, não havia motivo para não tentar. Fazer uma boa escolha. Tentar ser o que Carlisle achava que eu era.

A última hora de aula estava quase no fim. Decidi colocar meu novo plano em prática imediatamente. Era melhor do que ficar sentado no estacionamento, onde Bella poderia passar e estragar qualquer tentativa de autocontrole. Mais uma vez, senti aquele ódio injustificável pela garota.

Caminhei a passos rápidos — um pouco rápidos demais, mas não havia testemunhas por perto — pelo campus minúsculo até a secretaria da escola.

Estava vazia, exceto pela recepcionista, que não notou minha entrada silenciosa.

— Srta. Cope?

A mulher de cabelo ruivo artificial ergueu os olhos, assustada. Os humanos eram sempre pegos desprevenidos pelos pequenos sinais que não entendiam, não importava quantas vezes já tivessem visto um de nós.

— Ah! — Ela ofegou, um pouco constrangida. Alisou a blusa. *Sua boba*, pensou ela. *Ele tem quase idade para ser seu filho*. — Olá, Edward. O que posso fazer por você? — Os cílios dela tremularam atrás dos óculos grossos.

Era uma situação desconfortável, mas eu sabia ser charmoso quando queria. Era fácil, porque eu descobria instantaneamente como qualquer tom ou gesto era interpretado.

Inclinei-me para a frente, encontrando seu olhar como se estivesse encarando profundamente seus olhos castanhos. Seus pensamentos já estavam agitados. Seria fácil.

— Gostaria de saber se poderia me ajudar com minha grade de horários — falei, com a voz suave que eu usava para não assustar os humanos.

Ouvi seu coração acelerar.

— Claro, Edward. Como posso ajudar?

Jovem demais, jovem demais, ela repetiu para si mesma.

Estava errada, é claro. Eu era mais velho que o avô dela.

— Eu queria saber se é possível trocar meu horário de biologia por uma aula das turmas mais avançadas. Física, talvez?

— Algum problema com o Sr. Banner, Edward?

— De jeito nenhum, é só que já estudei essa matéria...

— Na escola avançada em que todos vocês estudaram no Alasca. Entendi.

— Seus lábios finos se contraíram enquanto ela considerava meu pedido. *Eles deviam estar na faculdade. Já ouvi os professores reclamarem. Notas perfeitas, nunca hesitam antes de responder uma pergunta, sempre acertam todas as questões dos testes... É como se tivessem encontrado um jeito de colar em todas as matérias. O Sr. Varner prefere acreditar que alguém está colando na prova de trigonometria a achar que um aluno é mais esperto do que ele. Aposto que a mãe deles dá aula em casa...* — O problema, Edward, é que a aula de física já está lotada. O professor odeia ter mais de vinte e cinco alunos na turma e...

— Eu não causaria problemas.

Claro que não. Afinal, os Cullen são perfeitos.

— Eu sei, Edward. Mas não há vaga na turma...

— Posso desistir da matéria, então? Não seria ruim ter um horário vago para estudar sozinho.

— Desistir da aula de biologia? — Ela ficou boquiaberta. *Isso é loucura. É tão difícil assim assistir à aula de uma matéria que você já sabe? Com certeza é algum problema com o Sr. Banner.* — Você não vai ter créditos suficientes para se formar.

— Ano que vem eu compenso o atraso.

— Talvez seja melhor você conversar com seus pais primeiro.

A porta atrás de mim se abriu, mas quem quer que fosse não pensou em mim, então ignorei sua chegada e me concentrei na Srta. Cope. Inclinei-me um pouco mais para a frente e a encarei ainda mais profundamente. Isso teria funcionado melhor se meus olhos estivessem dourados em vez de pretos. A escuridão assustava as pessoas, como deveria ser.

A recepcionista se encolheu, confusa com seus instintos conflitantes.

— Por favor, Srta. Cope? — murmurei, com a voz o mais aveludada e convincente possível, e sua aversão momentânea diminuiu. — Não posso fazer em outro horário? Deve ter vaga sobrando em outra turma, não? Biologia no sexto tempo não pode ser a única opção...

Sorri para ela, tomando o cuidado de não mostrar dentes demais e acabar assustando-a de novo, e deixei a expressão suavizar meu rosto.

Seu coração acelerou. *Jovem demais*, lembrou a si mesma, frenética.

— Bem, acho que posso dar uma palavrinha com Bob... quer dizer, com o Sr. Banner. Vou ver se...

Um segundo foi suficiente para mudar tudo: o clima na sala, minha missão ali, o motivo pelo qual eu me inclinava na direção da mulher ruiva... O que antes tinha um propósito de repente ganhou outro.

Um segundo foi suficiente para Samantha Wells entrar na secretaria, colocar um aviso de atraso assinado em uma cesta e sair correndo, com pressa para ir embora da escola. Uma súbita lufada de ar entrou pela porta aberta e me atingiu, e eu percebi por que a primeira pessoa a entrar não havia me interrompido com seus pensamentos.

Eu me virei, embora não precisasse de confirmação.

Bella Swan estava com as costas apoiadas na parede ao lado da porta, segurando um papel. Seus olhos ficaram ainda maiores ao notar minha expressão feroz e desumana.

O cheiro do sangue dela impregnava cada molécula de ar naquela salinha aquecida. Minha garganta pegou fogo.

O monstro me encarou com raiva pelo espelho dos olhos dela outra vez, uma máscara do mal.

Minha mão hesitou sobre o balcão. Eu nem precisaria me virar para agarrar a cabeça da Srta. Cope e batê-la na mesa com força suficiente para matá-la. Duas vidas em vez de vinte. Uma bela troca.

O monstro aguardou ansiosamente, faminto, que eu fizesse isso.

Mas sempre havia uma escolha... *tinha* que haver.

Interrompi o fluxo de ar que entrava em meus pulmões e visualizei o rosto de Carlisle na minha frente. Voltei-me para a Srta. Cope e ouvi sua surpresa interna diante da minha mudança de expressão. Ela se afastou de mim, mas seu medo não foi expresso em palavras coerentes.

Usando todo o autocontrole que conquistei durante minhas décadas de abnegação, deixei minha voz serena e suave. Havia ar suficiente em meus pulmões para falar mais uma vez, com pressa.

— Então deixa pra lá. Estou vendo que é impossível. Muito obrigado por sua ajuda.

Eu me virei e disparei para fora da sala, tentando não sentir o calor do sangue quente de Bella quando passei a centímetros dela.

Não parei até chegar ao meu carro, andando rápido demais. A maioria dos humanos já tinha ido embora, então não havia muitas testemunhas. Ouvi um aluno do segundo ano, D. J. Garrett, perceber minha velocidade e então desconsiderá-la...

De onde o Cullen saiu? Ele apareceu do nada... Ah, lá vou eu de novo com minha imaginação fértil. Minha mãe sempre diz...

Quando entrei no Volvo, meus irmãos já estavam lá dentro. Tentei controlar minha respiração, mas enchi meus pulmões com ar fresco como se estivesse sufocando.

— Edward? — perguntou Alice, a voz preocupada.

Apenas balancei a cabeça.

— O que aconteceu com você? — quis saber Emmett, momentaneamente distraído do fato de Jasper não estar a fim de uma revanche.

Em vez de responder, dei marcha à ré no carro. Eu precisava sair do estacionamento antes que Bella Swan resolvesse me seguir até lá também. Meu próprio demônio pessoal me atormentando... Virei o carro e acelerei. Cheguei aos sessenta quilômetros por hora antes mesmo de sairmos do estacionamento. Na estrada, passei de cento e dez antes da primeira curva.

Mesmo sem olhar, soube que Emmett, Rosalie e Jasper tinham se virado para Alice. Ela deu de ombros. Não conseguia ver o passado, apenas o que estava por vir.

Alice vislumbrou meu futuro. Nós dois processamos o que ela viu em sua mente e ficamos surpresos.

— Você vai embora? — sussurrou ela.

Todos se viraram para mim.

— Vou? — perguntei, trincando os dentes.

Minha determinação vacilou, e ela viu a escolha que levaria meu futuro para uma direção mais sombria.

— Ah.

Bella Swan morta. Meus olhos brilhantes e vermelhos com o sangue fresco. A busca que se seguiria. O tempo que esperaríamos por cautela antes que fosse seguro sairmos de Forks e recomeçarmos a vida em outro lugar...

— Ah — repetiu ela.

A imagem ficou mais específica. Vi o interior da casa do chefe de polícia Swan pela primeira vez, vi Bella em uma cozinha pequena com armários amarelos, de costas para mim enquanto eu a observava das sombras, deixando-me ser guiado por seu perfume...

— Pare! — gemi, incapaz de suportar aquelas visões.

— Desculpe — sussurrou ela.

O monstro se alegrou.

A cena na mente de Alice mudou outra vez. Uma estrada vazia à noite, as árvores cobertas de neve passando em um borrão a mais de trezentos quilômetros por hora.

— Vou sentir saudade — disse Alice. — Mesmo que você não fique muito tempo longe.

Emmett e Rosalie trocaram um olhar apreensivo.

Estávamos quase na saída para a longa estrada que levava à nossa casa.

— Deixe a gente aqui — instruiu Alice. — Você devia contar para Carlisle pessoalmente.

Assenti, e o carro guinchou com a parada repentina.

Emmett, Rosalie e Jasper saíram em silêncio; eles fariam Alice explicar tudo quando eu tivesse ido embora. Alice colocou a mão em meu ombro.

— Você vai fazer a coisa certa. — Não era uma visão dessa vez, era uma ordem. — Ela é a única família que Charlie Swan tem. Isso o mataria também.

— Eu sei — falei, concordando apenas com a última parte.

Ela saiu para se juntar aos outros, as sobrancelhas franzidas de ansiedade. Os quatro desapareceram de vista na floresta antes que eu pudesse dar meia-volta com o carro.

Eu sabia que as visões na mente de Alice estariam passando de sombrias a luminosas como uma luz estroboscópica enquanto eu voltava para Forks a mais de cento e quarenta quilômetros por hora. Eu não sabia ao certo para onde estava indo. Dizer adeus ao meu pai? Ou aceitar o monstro dentro de mim? A estrada passou voando sob os pneus do carro.

Um dos maiores fenômenos editoriais dos últimos tempos, a saga *Crepúsculo* narra a icônica história de amor de Bella Swan, uma garota tímida e desastrada, que acaba de mudar de cidade, e Edward Cullen, um rapaz misterioso que esconde um segredo aterrorizante: é um vampiro. Desde a primeira troca de olhares, ele fez tudo para ficar longe dela... mas e se as coisas não tiverem acontecido exatamente assim?

Até agora, os leitores conheceram essa trama inesquecível apenas pelos olhos de Bella. No aguardado *Sol da meia-noite*, vamos testemunhar o nascimento desse amor pelo olhar de Edward, mergulhando em um universo novo, sombrio e surpreendente, cheio de revelações.

Conhecer Bella foi o que aconteceu de mais irritante e instigante em todos os anos de Edward como vampiro. À medida que conhecemos detalhes sobre seu passado e a complexidade de seus pensamentos, conseguimos entender por que Bella se tornou o eixo central de uma batalha decisiva em sua vida. Como Edward poderia seguir seu coração se isso significava colocar a amada em perigo? Do que ele seria capaz de abrir mão?

Em *Sol da meia-noite*, Stephenie Meyer faz um retorno triunfal ao universo de *Crepúsculo* e nos transporta mais uma vez para Forks, convidando-nos a revisitar cada detalhe dessa história que conquistou milhões de fãs em todo o mundo. Em meio a uma paixão cercada de perigos sobrenaturais, vamos descobrir como Edward encara seus prazeres mais profundos e as consequências devastadoras de um amor proibido e imortal.

Saiba mais em:

www.intrinseca.com.br/livro/964